

PRÁTICAS DISCURSIVAS E A SALA DE AULA

Alíria de Britto Duque¹

Resumo

Neste artigo, busco articular leituras sobre o mundo contemporâneo globalizado, a concepção socioconstrucionista da linguagem, a noção de poder desenvolvida por Foucault e o conceito de identidade social. Apresento, de forma abrangente, a possibilidade de nós professores, por meio da análise crítica do discurso, refletir sobre marcas étnico-raciais, bem como outras marcas sociais presentes no universo heterogêneo da escola. Como, de forma investigativa, é possível atribuir novo significado à construção discursiva de sala de aula visando o uso da linguagem com elemento emancipador na vida dos alunos.

Palavras-chave: Globalização. Identidade Social. Análise Crítica do Discurso. Sala de Aula.

DISCURSIVE PRACTICES AND THE CLASSROOM

Abstract

In this article, I seek to articulate readings about the globalized contemporary world, the socio-constructive conception of language, the notion of power developed by Foucault, and the concept of social identity. I present, in a comprehensive way, the possibility of our teachers, through a critical analysis of the discourse, to reflect on ethnic-racial marks, as well as other social marks present in the heterogeneous universe of the school. How, in an investigative way, it is possible to attribute new meaning to the discursive construction of the classroom aiming at the use of language with emancipatory element in the life of the students.

Keywords: Globalization. Social Identity. Critical Discourse Analysis. Classroom.

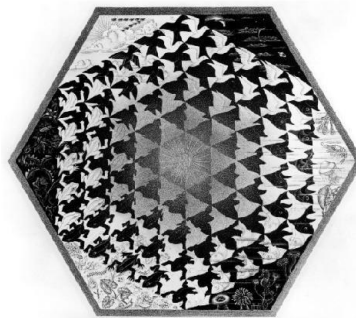
¹Mestra em Interdisciplinar Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Introdução

Começo este trabalho com o texto de Paulo Freire (1998) em mente, "Não deixe o medo do que é difícil paralisar você" e avalio: o que é mais difícil? Escrever um bom trabalho que afinal nunca vai dar conta de todas as questões e conceitos envolvidos no desenvolvimento do título aqui proposto, ou agenciar aspectos que refletem minhas escolhas discursivas nos diversos contextos em que transito? Acredito estar mais apta a buscar um meio termo entre as duas tarefas e assim ultrapassar este "temor diante das páginas em branco" para dar forma a alguns assuntos que me mobilizam em se tratando da prática discursiva de professores em sala de aula e como essas podem contribuir para a conscientização de identidades sociais, neste caso de raça.

A forma inicial de maior síntese e expressão que pude encontrar não foram palavras e sim a gravura abaixo do holandês Escher (1898 - 1972) intitulada "Verbum" (1942). Segundo Fellows (1995) Escher escolheu esse título, que se encontra no núcleo da gravura, por causa de sua associação com a história da criação e, por conseguinte, eu a associo ao tema principal do meu trabalho: que é uma história das construções identitárias por meio do discurso. Na gravura o olhar parte do ponto central, abstrato e pouco nítido que aos poucos vai expandindo e definindo-se em seres animados e distintos. "Verbum" mostra um processo, a construção das diferenças que, do ponto de vista sociolinguístico, ocorre na interação social. Como diz Sodré (1999,15) "A diferença não   um ponto de partida, mas de chegada, ponto de partida são as possibilidades concretas de diferencia o".

Figura 1. Verbum



Fonte: Escher (1898 - 1972)

Escolhi falar sobre a identidade social de raça e as possibilidades de ações locais viabilizadas pela análise crítica do discurso, principalmente no contexto institucional da escola, por eu estar aí inserida como professora de inglês em escolas públicas interagindo com muitos alunos que não se dão conta dessa marca. Neste trabalho partirei da caracterização de algumas questões cruciais da situação histórica da sociedade contemporânea, abordarei alguns aspectos do socioconstrucionismo e o papel do discurso nas relações sociais. A seguir focalizarei a identidade social de raça para então, após uma visão panorâmica dos conceitos da análise crítica do discurso, falar um pouco sobre o pensamento de Foucault (1979) a respeito do poder, que, no meu entender, reforça a possibilidade de ações locais transformadoras em meio às práticas sociais institucionalizadas. Pretendo com este trabalho pelo menos me aproximar do que Chouliaraki e Fairclough (1999,26) apontam como aspectos importantes da reflexividade na área de análise crítica do discurso: "os conhecimentos sobre uma prática são conhecimentos posicionados" e, portanto mais conscientes e responsáveis e "construções discursivas da prática são elas próprias práticas" que podem apontar para discursos mais emancipados e conseqüentemente emancipadores.

A Situacionalidade Histórica

Vivemos a era da globalização e, como sujeitos sociais e históricos, somos sensíveis às mudanças impostas por esta nova ordem mundial. A globalização é um processo irreversível e desarticulador do ser enquanto sujeito consciente e construtor de sua própria história. Ela gera, no meu entender e alinhada a Bauman (1999), duas conseqüências preocupantes: a superficialização da memória e a descorporeificação das relações humanas.

A primeira parece causar a perda da capacidade de reter na memória dados e fatos que são realmente significantes para a constituição do nosso ser social. "A facilidade de esquecer gerada pelo excesso de mensagens e o baixo custo da comunicação, significa rápido transbordamento e atropelamento da informação obtida, a comunicação barata sufoca a memória, em vez de alimentá-la e estabilizá-

la” (Bauman 1999,23). A rapidez de comunicação acarreta a banalização das informações e o excesso de estímulos semióticos pode embotar e imobilizar o sujeito, pois não há tempo para selecionar e digerir as informações que são incessantemente jogadas na mídia e na sociedade de consumo. A segunda consequência, gerada pela tecnologia, parece ser o distanciamento e a pasteurização das relações. Como coloca Bauman (1999,23), vivemos o fim as metáforas orgânicas como, por exemplo, “o conflito cara a cara”, “a justiça olho por olho, dente por dente”, “a solidariedade ombro a ombro” e a mudança “passo a passo”. A espacialidade não toma mais o corpo humano como medida, o espaço tornou-se processado, centrado e formatado, “emancipado das restrições naturais do corpo humano”.

“Ler” com cuidado e atenção o mundo altamente semiotizado que nos cerca parece ser quase uma necessidade face à condição contemporânea de pouco questionamento da civilização moderna. “Não formular certas questões é extremamente perigoso e responder o tipo errado de questão com frequência ajuda a desviar os olhos das questões realmente importantes” (Bauman 1999,11).

Essa breve problematização de nossa situacionalidade histórica me parece suficiente para sustentar que vivemos inevitavelmente uma transformação dos parâmetros da condição humana. No curso dessa transformação, a comunicação, principalmente por meio do discurso, apresenta-se como mediadora das relações sociais. Discurso entendido do ponto de vista socioconstrucionista que, segundo a definição de Foucault são “todas as declarações ou textos que têm significado e que têm algum efeito no mundo real” (Mills 1997,7).

Em se tratando de discurso, é importante também considerar outro aspecto da sociedade globalizada: as pessoas não têm os mesmos acessos ao discurso e os recursos discursivos são distribuídos diferentemente, fato que põe por terra a crença do mito comum de que todas as pessoas têm oportunidades iguais na vida e, conseqüentemente, quem se esforçar consegue alcançar seus objetivos. Bauman (1999,29) ilustra esta desigualdade de acesso quando diz que “as elites escolheram o isolamento e pagam por ele prodigamente e de boa vontade. O resto da população se vê afastado e forçado a pagar o pesado preço cultural, psicológico e político do seu novo isolamento” no mundo globalizado.

Também Fairclough (1992,78) aborda esse assunto quando diz que "práticas discursivas envolvem processos de produção de texto, distribuição e consumo". Essas práticas não parecem ser práticas inocentes e neutras e os textos são consumidos diferentemente em contextos sociais diferentes. A exemplo dos leitores de jornais distintos como "O Globo" e "Extra" que recebem versões "tratadas" de informação.

Portanto, urge a necessidade de analisar e refletir sobre contextos particularizados que representam o nível micro da construção da identidade e da atuação do poder por meio de relações assimétricas entre sujeitos. No meu caso, o contexto da escola pública, que pode ser considerado um espaço de fronteira onde convivem sujeitos com marcas sociais, culturais e raciais diferentes.

Socioconstrucionismo: Discurso e Identidade Social

Segundo Sarbin e Kitsuse (1994,04) o socioconstrucionismo parte da premissa de que seres humanos são agentes antes que organismos passivos e que objetos sociais não são apenas dados no mundo, mas "construídos, negociados, reformados e organizados pelos homens na tentativa de dar sentido aos acontecimentos do mundo". "O socioconstrucionismo tem se engajado em lançar fundamentos para uma perspectiva teórica alternativa para os estudos de problemas sociais e práticas educacionais". Nesse caso, entendo "perspectiva teórica" como uma possibilidade plausível e efetiva de se ver o mundo. A teoria seria como lentes, novas lentes para visões novas.

E uma das formas de entender a ação humana no mundo social seria por meio do discurso. Conforme Mills (1997,8) indica, "o uso do termo discurso sinaliza um rompimento com as visões passadas com relação à linguagem que era vista como um veículo de comunicação e uma forma de representação, ou um sistema". O discurso passa a ser uma estrutura além e acima do nível da sentença, ela passa a ter outra dimensão. Ademais, o discurso passa a ser visto como um modo de ação, especialmente sobre as outras pessoas, ele é, além de representação, constitutivo dos sujeitos que estão interagindo socialmente.

Então, o linguista crítico seria aquele que analisa o discurso com interesses emancipatórios, porque a linguagem é o veículo central no processo pelo qual pessoas são construídas como indivíduos e sujeitos sociais. A identidade passa a ser um projeto e não algo com o qual o ser nasce predeterminado. O fato de o sujeito ser marcado não quer dizer que o seu destino identitário esteja marcado. A tarefa da análise crítica do discurso seria mostrar como os discursos são articulados e, por vivermos permeados por eles, como os discursos nos constroem. Tanto por intermédio do que ouvimos quanto por intermédio do que falamos.

Outra preocupação da análise crítica do discurso seria a de chamar a atenção para práticas sociais naturalizadas que, na verdade, são construídas de acordo com interesses hegemônicos e por meio do uso engenhoso de discursos. Chouliaraki e Fairclough (1999,4) falam de “formas sociais que são produzidas por pessoas e que podem ser mudadas por pessoas estão sendo vistas como se fossem parte da natureza” e que a motivação básica para a ciência social crítica é “contribuir para uma conscientização do que é, como se tornou e como poderia ser” as práticas sociais na base de que pessoas são capazes de fazer e refazer suas vidas.

Portanto, a vida social é vista como práticas que são definidas como “formas habituais, amarradas a tempos e lugares nas quais as pessoas utilizam recursos (materiais e simbólicos) para agirem no mundo” (Chouliaraki e Fairclough 1999,21) e as práticas parcialmente sustentam e parcialmente transformam os contextos sociais. Nesta visão, o contexto sócio-histórico é tratado como um sistema onde duas forças interagem dialeticamente: a ação humana com suas possibilidades de mudança e as forças sócio-históricas que são essencialmente estruturantes.

Interessa-me compreender que essas práticas se manifestam em espaços institucionais como a escola e apresentam segundo Chouliaraki e Fairclough (1999) as seguintes características: primeiro, elas são formas de produção da vida social como por exemplo, produção econômica, cultural e política; segundo, as práticas se relacionam com outras práticas e; em terceiro lugar, elas sempre têm dimensões reflexivas, ou seja, as pessoas sempre geram representações do que elas fazem como parte do que elas fazem.

Neste sentido, a teorização também é vista como prática. O que me parece criar uma relação íntima e indissociável entre o que Fabrício (2002) chamou de

“ganhos epistêmicos 2” e o reposicionamento das nossas práticas discursivas em sala de aula.

Finalmente, Chouliaraki e Fairclough (1999,24) indicam que “as redes de práticas são concretizadas por relações sociais de poder e uma dessas relações de poder seria a relação racial”.

É importante ressaltar que na análise crítica do discurso há preocupação com a questão de ética. Há cuidado no sentido de deixar claro que as afirmações não têm o status da verdade absoluta nesse processo, mas são julgadas em termos de ganhos epistêmicos, trata-se do “movimento de uma posição problemática para uma mais adequada dentro do campo de alternativas possíveis” (Chouliaraki e Fairclough. 1999,35).

Para concluir esse tópico, gostaria de ressaltar que, segundo as minhas leituras, as principais características da análise crítica do discurso seriam: o engajamento crítico com o mundo contemporâneo, o reconhecimento do discurso como um momento na prática social e que mudanças no discurso podem ser capazes de abrir novas possibilidades sociais. Daí a importância desse estudo para a minha prática docente.

A Identidade Social de Raça

Da leitura de Andersen pude compreender que as teorias elaboradas pelos pensadores em épocas distintas são construções que visam legitimar práticas hegemônicas de poder, como no caso das teorias sobre a inteligência. “Desde a época de Platão no mundo europeu o uso comum das teorias sobre a inteligência tem sido para justificar desigualdades sociais e econômicas” (Andersen 1994;121) e os instrumentos para medir "habilidades inatas" na verdade foram construídos para

²A epistemologia estuda a origem, a estrutura, os métodos e a validade do conhecimento, e também é conhecida como teoria do conhecimento e relaciona-se com a metafísica, a lógica e a filosofia da ciência. É uma das principais áreas da filosofia, compreende a possibilidade do conhecimento, ou seja, se é possível o ser humano alcançar o conhecimento total e genuíno, e da origem do conhecimento. A epistemologia também pode ser vista como a filosofia da ciência. A epistemologia trata da natureza, da origem e validade do conhecimento, e estuda também o grau de certeza do conhecimento científico nas suas diferentes áreas, com o objetivo principal de estimar a sua importância para o espírito humano.

sustentar as diferenças raciais e de classe. Os hereditarianistas "fizeram com que crenças sociopolíticas se transformassem em conceitos pseudobiológicos, a definição de raça, por exemplo" (Andersen. 1994,123).

Então percebe-se que algumas teorias e conceitos mais tarde consagrados pelo senso comum, na verdade, reproduzem ideologicamente uma tradição para sustentar que pessoas marcadas socialmente ou racialmente são inferiores, o que justifica a manutenção desses grupos no limiar da sociedade.

Entretanto, sabe-se atualmente que inteligência não é nem certo comportamento, nem algo dentro da cabeça. "Ela inclui ator, ação, observadores e avaliação dentro de um contexto. No mundo social, nosso desempenho e nossas ações são avaliados por outros. Então, atitude inteligente, é claramente uma construção social" (Andersen 1994,125).

Deste modo, entendo inteligência como algo construído por intermédio das interações e relações com o mundo, além de influenciado por diversos fatores socioeconômicos. Mais ainda, a aceitação de conceitos essencialistas como o acima exposto, pode ser, na verdade uma forma de mascarar outros interesses sociais e econômicos.

Se partirmos do princípio de que as práticas discursivas tecem o modo de ser dos participantes, percebe-se como a ciência social, no decorrer da história, talvez tenha desenvolvido parte de seu conhecimento sobre gênero, raça e sexualidade para construir uma visão de realidade. Tal visão atualmente é entendida segundo Foucault (1979) denominou "regimes de verdade" para atender grupos de interesse.

Em "Verdade e Jogo de Verdade", Carolina Massena e Rosane Castro (2017) explicam esse conceito de Foucault no seguinte relato:

Em nossa sociedade ocidental, o discurso que rege o que se tem por verdadeiro, que define a rede de conhecimentos válidos (ou não válidos), é o científico. Nossa "verdade" está centrada nele e nas instituições que o produzem. Instituições essas, igualmente não isentas de interesses. São conhecimentos e verdades guiados em seu processo de produção por crenças, costumes e interesses. Usados permanentemente pela produção econômica e pelo poder político e difundidos pelas instâncias educativas e informativas da sociedade, de forma, até certa instância,

controlada por grandes aparelhos políticos e econômicos, tais como: universidades, mídia, escrita, exército

Por conseguinte, Sarbin e Kitsuse (1994) demonstram estar preocupados com as formas pelas quais identidades pessoais são formadas, restringidas e delimitadas dentro de relações existentes. Conforme Sodré (1999,139) indica, a mentalidade ocidental costuma desconhecer pessoas como individualidades distintas dos outros membros, reconhecendo-as e tratando-as como coletividade: etnias, raças, etc. Ele exemplifica dizendo que “o comportamento de um africano é explicado a partir de dados sociais e antropológicos sobre a sua etnia ou sobre as supostas particularidades de sua comunidade cultural”. A dimensão singular ou individual se esvanece”. Sendo que essa visão redutora e generalizada também pode ser encontrada em contexto de convívio entre pessoas de diferentes origens étnicas e sociais. Como o próprio Sodré (1999,234) afirma no texto, “são vários os lugares sintomáticos da discriminação, em geral disfarçados, mas às vezes bastante explícitos”.

Outro aspecto importante quanto à questão da marca racial é que ela pode ser “olhada de frente” e mediada pela abordagem da análise crítica do discurso. Existe a tentativa de trazer à luz o "pacto social implícito de invisibilização dos mecanismos discriminatórios" (Sodré 1999) com o qual estão comprometidos os discursos institucionais e públicos. Ou seja, a discriminação não é um assunto que circula nos discursos das práticas sociais mas ele está presente de forma não assumida. No entanto, percebe-se que os sujeitos marcados pela raça desenvolvem, em consequência do contexto onde constroem suas identidades, a auto discriminação, devido ao que Sodré (1999,235) considera a "internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si mesmo".

Diante dessas questões cruciais, especialmente no Brasil, onde muitas pessoas ainda têm dificuldade de se autonegarem racialmente em consequência do grau de miscigenação do povo brasileiro, acredito que as novas bases de entendimento surgidas do diálogo entre ciências sociais como resultado da superação dos modelos clássicos do conhecimento, a saber: leis, teorias, métodos e suposições filosóficas, podem proporcionar diálogos que promovam a aceitação e a vivência mais feliz das diferenças. Esses diálogos, segundo Sarbin e Kitsuse (1994)

"emergiu do reconhecimento do papel crítico desempenhado pelas construções linguísticas na vida social". Os socioconstrucionistas partem da premissa de que as identidades e a vida social ainda não estão fixadas, que ambas ainda estão sendo elaboradas, e, portanto, são abertas para mudanças e transformações. Elas estão abertas porque se localizam na interação comum e no processo constante de interpretação do mundo pelos sujeitos em suas vidas diárias. Sarbin e Kitsuse (1994) usam o termo "construção social", que no caso do meu trabalho aborda a construção social de raça, o construcionismo focaliza que qualquer prática social implica pessoas envolvidas tratando tanto elas próprias como uma as outras de forma particular, acho que trata-se aqui da responsabilidade com o outro na elaboração do nosso discurso nas práticas sociais, discurso esse que promove a construção da identidade do outro. Como Sarbin e Kitsuse (199,44) argumenta: "o "eu" precisa do "você" como um contexto dentro do qual endereça os seus comentários e pensamentos".

Por exemplo, em se tratando da branquitude, como em Phoenix (in Fine,1997,187) "a ausência de um foco sobre a branquitude colabora para a construção implícita das pessoas brancas como a norma" então a marca de branquitude só tem significado em relação ao que significa ser preto. Neste contexto, que em nível macro poder-se-ia considerar as culturas que seguem os modelos hegemônicos do ocidente, " a branquitude é como algo natural e involuntário antes que construído. Sem a marca de raça"(Phoenix, 1997,95).

Entretanto, a diferença é uma grande questão da vida contemporânea e não deve ser apagada e sim respeitada e assumida nas práticas sociais de modo a desnaturalizar as marcas de raça e tratá-las como o que são, marcas sociais e culturais construídas por meio do discurso.

O Poder e as Possibilidades de Ações Locais

Decidi abordar dois assuntos conjuntamente porque dos meus estudos pude compreender que Foucault ao apresentar suas considerações a respeito das formas locais de poder, "a microfísica do poder", possibilitou que outros pensadores engajados com as problemáticas da sociedade contemporânea pudessem viabilizar

meios para ações emancipatórias em contextos particulares. Digo isso com base no que Roberto Machado, na introdução da edição brasileira de 2001 de "Microfísica do Poder" coloca quanto à natureza do poder na sociedade humana: "não existe algo unitário e global chamado poder, mas formas díspares, heterogêneas, em constante transformação.

O poder é uma prática social e, como tal, constituída historicamente." Ou seja, existem poderes periféricos e moleculares que não são regulados pelo aparelho do sistema. "O importante é que essa relativa independência ou autonomia da periferia com relação ao centro significa que as transformações ao nível capilar, minúsculo, do poder não estão necessariamente ligadas às mudanças ocorridas no âmbito do Estado" diz Machado. Consequentemente, pode concluir que as ações "revolucionárias" também se dão ao nível particular e capilar. Aí entra a questão das possibilidades das ações locais e seus resultados.

Segundo Foucault (1979), o poder objetiva disciplinar e docilizar os corpos para obter criaturas úteis e controladas em suas condutas. Entretanto ele gera dialeticamente a resistência, pois onde há poder há resistência, por isso o poder é criativo e a liberdade apresenta-se via o próprio corpo, na recusa de se submeter a este apagamento do sujeito. Enquanto o olhar do poder vigia e controla dos corpos, como na alegoria do panóptico, impondo o autocontrole, o olhar do sujeito agente é criativo, vivo, resistente e subversivo encontrando brechas no próprio sistema de poder para construir o seu discurso. Aí entra a perspectiva da análise crítica do discurso, onde a "prática discursiva é constitutiva tanto em modo convencional como em modo criativo. Ela contribui para reproduzir a sociedade e também contribui para transformar a sociedade" (Fairclough, 1992,65).

Shotter e Gergen (1989,141) ao falarem de responsabilidade social afirmam que "a principal função da linguagem não é a representação das coisas no mundo, mas o seu uso na criação e sustentação de ordens sociais". Moita Lopes (2002,16) enfatiza que "dentre os espaços institucionais em que atuamos, a escola tem sido continuamente apontada como um dos mais importantes na construção de quem somos." E neste espaço já despontam alguns questionamentos que visam desnaturalizar práticas que insistem em fazer da escola um "vácuo social"(Moita

Lopes 2002,53). A exemplo da recente criação da Lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana para ressaltar a importância da cultura negra na formação da sociedade brasileira. E também a observância de textos em livros didáticos que abordam questões étnicas e raciais em vários níveis e disciplinas. Portanto, é importante o cuidado em não ficar na pura enunciação quando se considera o papel que o professor desempenha diante de seus alunos.

Devido a “sua posição como líder nas assimetrias interacionais da sala de aula e ao papel de autoridade textual que desempenham em salas de aula de leitura em relação à construção social do significado” (Moita Lopes, 2002,30), o professor, agente de seu próprio saber e discurso, precisa dar conta de suas práticas e seus efeitos na construção identitária de seus alunos.

Considerações Finais

Na total impossibilidade de concluir um trabalho desta natureza, que para mim só abre novas questões a serem pensadas e estudadas. Estou consciente de que o que pude fazer foi um recorte do universo textual disponível e das possibilidades de ação que o tema permite.

Um encaminhamento possível diante do que pude desenvolver neste artigo é apresentado por Moita Lopes (2002, 155) "em uma sociedade na qual a desigualdade é tão flagrante, esse foco na promoção da transformação social por meio da educação linguística parece ser essencial. A multiplicidade de identidades que desempenhamos na sociedade pode ser representada pedagogicamente no discurso da sala de aula de modo que sua natureza socioconstrucionista seja trazida à tona e identidades hegemônicas sejam criticadas discursivamente. Nesse processo, os alunos podem compreender como suas identidades são construídas socialmente".

Para concluir, alio-me a Connolly e Noumair (in Fine, 1997,322) quando dizem que escrever um texto é um ato político. Estou certa, em consequência do que vivo no meu dia-a-dia, que mudança de práticas é algo muito complexo e demorado, mas que também, felizmente, já não é possível parar o fluxo de tomada de consciência

crítica entre pessoas engajadas com as práticas educacionais. Retomando Bauman (1999,54), frente à globalização da sociedade contemporânea surge a afirmação da alteridade “as pessoas moralmente maduras são aqueles seres humanos que cresceram a ponto “de precisar do desconhecido, de se sentirem incompletos sem uma certa anarquia em suas vidas” que aprenderam a “amar a “alteridade””, que nada mais é do que a constatação de que o meu "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro".

Referências

- ANDERSEN, M. L. **The Many and Varied Social Construction of Intelligence.** *In* Sarbin, T.R. e Kitsuse.LI. (Eds). *Constructing the Social.* Londres Sage, 1994.
- BAUMAN, Z. **Globalização: As consequências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1999.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. **Discourse in late modernity.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- COMMOLLY, M.I. e NOUMAIR, D.A. **The white girl in me, the colored girl in you, and the lesbian in us: crossing boundaries.** *In* FINE, M. *et al.* *Off white: reading on race, power and society.* Routledge: New York, 1997.
- FABRÍCIO, Branca F. **Implementação de mudanças no contexto educacional: discursos, identidades e narrativas em ação.** Tese de Doutorado. PUC, Rio de Janeiro, 2002.
- FAIRCLOUGH, N. **Discourse and Social Change.** Cambridge: Polity Press. 1992.
- FELLOWS, Miranda.**The life and works of Escher.** Parragon Book. Bristol. 1995.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Teachers as cultural workers: letters to those who dare to teach;** translated by Donald Macedo, Dake Koike and Alexandre Oliveira. Westview Press, Bolder. Colorado, 1998.
- MASSENA, Carolina e CASTRO, Rosane. **Verdade e Jogo de Verdade.** Disponível em: <http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/espaco/jogos-de-verdade.html> > Acesso em 11 de nov. 2016.

MILLS, S. **Discourse**. Londres: Routledge, 1997.

PHOENIX, A. **"I'm white! So what?" The construction of whiteness for young londoners**. In FINE, M. *et al* Off white: reading on race, power and society. Routledge: New York, 1997.

SARBIN, T. R. e KITSUSE, J.I. **A prologue to constructing the social**. In Sarbin, T.R. e Kitsuse, J.I. (Eds) Constructing the social: Londres Sage1 1997.

SHOTTER, J. & GERGEN, K. **Preface and introduction**. In Shotter, J. e Gergen, K.J. (Eds) 1989) Texts of Identity. Londres: Sage, 1989.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Vozes, Petrópolis, 1999.